

SÉRIE EDUCAÇÃO

ELISABETE DA ASSUNÇÃO JOSÉ
& MARIA TERESA COELHO

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM



SÉRIE EDUCAÇÃO

- PRÁTICA PSICOMOTORA NA PRÉ-ESCOLA
Vera Miranda Gomes
- MOVIMENTOS - EXERCÍCIOS DE PSICOMOTRICIDADE
Denise Del Matto D'Incao
- PRÉ-ESCOLA, TEMPO DE EDUCAR
Ana Rosa Beal e Maria Lucia Thiessen
- CONTAR HISTÓRIAS - UMA ARTE SEM IDADE
Maria Bety Coelho Silva
- ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA
Leonor Rizzi e Regina Célia Haydt
- A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA CRIANÇA
Marieta Lúcia Machado Nicolau (coord.)
- A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
- TEXTOS BÁSICOS DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
Marieta Lúcia Machado Nicolau
- CONVIVENDO COM A PRÉ-ESCOLA
Denise Branco de Araújo, Célia Regina Mineiro e Nancy Trindade Kosely
- PONTOS DE PSICOLOGIA GERAL
- PONTOS DE PSICOLOGIA ESCOLAR
- PONTOS DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
Célia Silva Guimarães Barros
- PSICOLOGIA EDUCACIONAL
- ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1º GRAU ■ ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 2º GRAU ■ SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
- HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL
Nelson Piletti
- PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM
Gérson Marinho Falcão
- DIDÁTICA GERAL ■ DIDÁTICA ESPECIAL ■ FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
Claudino Piletti
- DIDÁTICA DA MATEMÁTICA
Ernesto Rosa Neto
- FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ■ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
Claudino Piletti e Nelson Piletti
- LITERATURA INFANTIL - TEORIA E PRÁTICA
Maria Antonieta Antunes Cunha
- MANUAL DE ESTÁGIO PARA O MAGISTÉRIO ■ PRÁTICAS DE ENSINO
Gabriela Zóboli
- FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL ■ PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
Maria Aparecida Cória-Sabini
- PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
Gláurea Basso dos Santos e Sueli Parada Simão

Elisabete Da Assunção José

- Psicóloga clínica
- Psicopedagoga da rede particular de ensino
- Coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo
- Professora de Magistério

Maria Teresa Coelho

- Pedagoga
- Psicopedagoga
- Coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo
- Professora de Magistério

*Aos que nos educaram pelo amor no
decorrer de nossas experiências de vida.
E aos que com amor educamos,
partilhando e aprendendo o saber em
benefício da educação.*

Problemas de aprendizagem

12ª edição
3ª impressão



Supervisão da edição: João Guizzo
Coordenação da edição: Wilma Silveira Rosa de Moura
Edição de texto: Marília Rios Muraro
Edição de arte: Milton Takeda
Diagramação: Eber Alexandre de Souza
Ilustrações: Osvaldo Sanches Sequêtin
Capa: projeto gráfico: Ary Normanha
ilustração: Paulo Cesar Pereira
Composição: Diarte Composição e Arte Gráfica S/C Ltda.



Cromosete Gráf. e Editora Ltda

ISBN 85 08 03223 4

2002

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Rua Barão de Iguape, 110 - CEP 01507-900
Caixa Postal 2937 - CEP 01065-970
São Paulo - SP
Tel.: 0XX 11 3346-3000 - Fax: 0XX 11 3277-4146
Internet: <http://www.atica.com.br>
e-mail: editora@atica.com.br

APRESENTAÇÃO

Fizemos este livro pensando em todos aqueles que educam: pais, mestres e pessoas engajadas no processo ensino-aprendizagem. É um trabalho que não tem a pretensão de dar receitas prontas, mas de levar a refletir e conhecer os aspectos essenciais da observação da criança no seu dia-a-dia.

Pais e professores que convivem com a criança são os principais responsáveis pelo encaminhamento a especialistas nas áreas que abordamos neste livro: problemas de fala, problemas psicomotores, de leitura e de escrita, de visão, de audição, de comportamento etc.

Ressaltamos a importância da abrangência interdisciplinar que o livro alcança, podendo permear o conteúdo de várias disciplinas do curso de Magistério e de cursos superiores, como de Pedagogia, Psicologia, Biologia, Fonoaudiologia e outros.

Acreditamos que somente a interdisciplinaridade no trato com os problemas de aprendizagem é o caminho para que o futuro educador possa entender e ajudar a criança desajustada.

Grande parte do que escrevemos baseou-se em nossa experiência com crianças com problemas de aprendizagem, principalmente aquelas que freqüentam escolas públicas. Baseamo-nos muito também em nossa prática de professoras de Magistério; ao longo de muitos anos, procuramos incutir nos futuros educadores a necessidade do carinho e da cuidadosa observação dessas crianças que às vezes ficam marginalizadas nas salas de aula.

Esperando que esta obra possa contribuir para a melhoria das condições de ensino em nossas escolas, sobretudo nos aspectos relacionados com o atendimento de crianças com problemas, aguardamos e agradecemos desde já todas as sugestões e observações que nos forem encaminhadas.

As autoras

→ Capítulo 1 — Desenvolvimento e aprendizagem	9
1. Desenvolvimento	9
2. Maturação	10
3. Aprendizagem	11
→ Capítulo 2 — O normal e o patológico	17
1. A noção do normal	18
2. Problemático ou patológico?	21
3. O que são problemas de aprendizagem	23
Capítulo 3 — A linguagem e a fala	35
1. Fatores de influência	36
2. Desenvolvimento da linguagem e da fala	37
3. Quando a fala é defeituosa	40
Capítulo 4 — Os distúrbios da fala	44
1. Mudez	44
2. Atraso na linguagem	46
3. Problemas de articulação	47
4. Problemas de fonação	51
5. Distúrbios de ritmo	52
6. Afasia	58
Capítulo 5 — A atuação do professor frente aos problemas da fala	64
1. Modo de atuação do professor	64
2. Sugestões práticas	66
→ Capítulo 6 — Leitura, escrita e aritmética	75
1. A fala, a leitura e a escrita	76
2. Pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita	77
3. Causas dos distúrbios de aprendizagem da leitura e da escrita	83
4. O processo de leitura	84
5. Distúrbios de leitura	86
6. O processo de escrita	92
7. Distúrbios da escrita	95
8. Distúrbios de aritmética	98
9. O professor e os distúrbios de leitura, escrita e aritmética	100
Capítulo 7 — Distúrbios psicomotores	107
1. Definição de psicomotricidade	108
2. Desenvolvimento psicomotor	108
3. Tipos de distúrbios	110
4. Como identificar problemas de psicomotricidade	116
5. O professor e a psicomotricidade	116
6. Sugestões práticas	119

Capítulo 8 — Distúrbios na saúde física	131
1. A visão	132
2. Identificação dos problemas visuais	135
3. O papel do professor nos problemas visuais	143
4. A audição	148
5. Problemas auditivos	151
6. O papel do professor frente aos problemas auditivos	154
7. Disritmia cerebral	157
8. Epilepsia	159
Capítulo 9 — Distúrbios de comportamento	167
1. Características básicas	168
2. Fatores dos distúrbios	168
3. Autismo infantil	170
4. Agressividade	174
5. Medo	176
6. Fobia escolar	178
7. Ciúme	180
8. Timidez	180
9. Fantasia	181
10. Negativismo	183
11. Agitação, inquietude e instabilidade	184
12. Sexualidade	184
13. Problemas familiares	187
Capítulo 10 — A criança excepcional	195
1. A criança deficiente mental	196
2. A criança superdotada	198
3. A criança de aprendizagem lenta	200
→ Capítulo 11 — A importância da observação do escolar	206
1. Introdução	206
2. A observação do escolar	207
3. O escolar sadio	208
4. Atuação do professor	210
5. O papel da escola	210
6. Fichas de observação	211
7. Conclusão	222
Glossário	225
Bibliografia	228

Capítulo 1

Desenvolvimento e aprendizagem

1. *Desenvolvimento*
2. *Maturação*
3. *Aprendizagem*

O único homem que se educa é aquele que aprendeu como aprender: que aprendeu como se adaptar e mudar; que se capacitou de que nenhum conhecimento é seguro, que nenhum processo de buscar conhecimento oferece uma base de segurança.

Carl R. Rogers

É de suma importância o papel dos educadores — pais e professores — nos processos fundamentais do desenvolvimento humano.

Para os futuros profissionais da educação, algumas informações constituem parte essencial de seu preparo. A partir do momento em que o professor ou o especialista em educação passa a compreender os princípios do processo de aprendizagem e adquire prática na aplicação dos mesmos em situações representativas, os problemas que podem ocorrer nessa área serão tratados e resolvidos sem tabus e sem traumas.

1. **Desenvolvimento**

Quando se fala em crescimento, todo mundo se lembra facilmente de aumento de estatura, de peso e outras mudanças tanto estruturais como orgânicas que ocorrem na constituição física.

O termo *desenvolvimento*, porém, é muito mais amplo e complexo. Ele define o processo ordenado e contínuo que principia com a própria vida, no ato da concepção, e abrange todas as modificações que ocorrem no organismo e na personalidade*. Inclusive os comportamentos mais sofisticados, resultantes do crescimento e amadurecimento físicos e da estimulação variada do ambiente.

De acordo com a Psicologia do Desenvolvimento (que deve ser estudada paralelamente aos Problemas de Aprendizagem), a hereditariedade e o ambiente, a maturação e a aprendizagem são fatores do desenvolvimento. Isto significa que, para determinar o processo de desenvolvimento em todas as suas fases, as condições estruturais e orgânicas atuam simultaneamente com os estímulos ambientais.

É imprescindível que o educador tenha sempre em mente os princípios gerais do desenvolvimento:

- é um processo contínuo;
- segue duas direções:
céfalo-caudal — da cabeça para os pés;
próximo-distal — das partes mais próximas do centro para as mais distantes;
- procede das atividades gerais para as específicas;
- cada parte do corpo se desenvolve com velocidade própria;
- acontece de maneira unificada.

No seu processo global, o desenvolvimento inclui dois outros processos complementares: a maturação e a aprendizagem.

2. Maturação

É o desenvolvimento das estruturas corporais, neurológicas e orgânicas. Abrange padrões de comportamento resultantes da atuação de algum mecanismo interno.

A maturação conduz ao desenvolvimento do potencial do organismo e independe de treino ou estimulação ambiental. Caracteriza-se por mudanças estruturais influenciadas pela hereditariedade, que ocorrem em dado momento, envolvendo a coordenação de numerosas partes do sistema nervoso.

* Os termos marcados com asterisco constam do *Glossário*, à página 225.

É por isso que é ineficaz, por exemplo, ensinar uma criança a andar aos 5 meses, ou a ler e escrever precocemente. Como Gesell¹ afirma, "a aprendizagem nunca pode transcender a maturação". Isto é, para que a aprendizagem se processe, é necessário que o organismo esteja suficientemente maduro para recebê-la.

Toda a atividade humana depende da maturação. Desde o mais simples comportamento, como segurar um objeto, até as abstrações* e raciocínios* mais complexos.

3. Aprendizagem

É o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

É comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado do ensino. Entretanto, o termo tem um sentido muito mais amplo: abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

O processo de aprendizagem sofre interferência de vários fatores — intelectual, psicomotor, físico, social —, mas é do fator emocional que depende grande parte da educação infantil. A problemática decorrente da interferência desses fatores na aprendizagem será tratada de maneira mais minuciosa nos capítulos que seguem.

Aprendizagem significativa

Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do educando, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida.

O aluno precisa ser capaz de reconhecer as situações em que aplicará o novo conhecimento ou habilidade. Tanto quanto possível, aquilo que é aprendido precisa ser significativo para ele.

Uma aprendizagem mecânica, que não vai além da simples retenção, não tem significado para o aluno.

¹ Arnold Gesell, *El niño de 5 a 10 años*, p. 70. (Os dados completos das citações bibliográficas encontram-se na Bibliografia, no final do livro.)

Para ser significativa, é necessário que a aprendizagem envolva raciocínio, análise*, imaginação* e o relacionamento entre idéias, coisas e acontecimentos.

Família, escola e aprendizagem

É a família quem primeiro proporciona experiências educacionais à criança, no sentido de orientá-la e dirigi-la. Tais experiências resumem-se num treino que, algumas vezes, é realizado no nível consciente, mas que, na maior parte das vezes, acontece sem que os pais tenham consciência de que estão tentando influir sobre o comportamento dos filhos.

Como afirma Lindgren², “este tipo de aprendizagem e ensino em diferentes níveis de consciência dá-se durante todo o tempo, dentro ou fora da escola. Os pais e os professores estão sempre ensinando simultaneamente em diferentes níveis de consciência, e as crianças estão sempre aprendendo em diferentes níveis. As coisas ensinadas ou aprendidas conscientemente podem ou não ser importantes e podem ou não fixar-se”.

Ainda segundo esse autor, “o que é ensinado e aprendido inconscientemente tem mais probabilidade de permanecer”. No exemplo citado por ele, um estudante pode esquecer muitas das noções que aprendeu com alguns professores, mas lembra o tipo de pessoas que eram e as atitudes que tinham em relação a ele.

Na família ocorre o mesmo. A criança retém definitivamente os sentimentos que seus pais têm em relação a ela e à vida em geral. Esses sentimentos serão a base para o conceito que ela formará de si própria (autoconceito) e do mundo. Uma criança que é desprezada aprende a desprezar-se; uma criança que é amada e aceita, tenderá a desenvolver atitudes positivas para a formação do seu autoconceito.

Segundo Gagné³, “dizem que a experiência é o maior dos mestres; isto significa que os acontecimentos vividos pelo indivíduo em desenvolvimento — em sua casa, em seu meio geográfico, na escola e em seus vários ambientes sociais — determinarão o que ele vai aprender e, também, em grande parte, a espécie de pessoa que se tornará”.

Na escola, o professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto. Como afirma Rogers⁴, “ele deverá estabelecer com seus alunos uma *relação de*

² Henry Clay Lindgren, *Psicologia na sala de aula*, p. 86.

³ Robert M. Gagné, *Como se realiza a aprendizagem*, p. 2.

⁴ Carl R. Rogers, *Tornar-se pessoa*, p. 53.

ajuda, atento para as atitudes de quem ajuda e para a percepção de quem é ajudado”.

É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo da aprendizagem e esteja interessado nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Ele precisa saber o que seus alunos são fora da escola e como são suas famílias.

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-a responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem.

Atividades

1. Reflita e responda:
 - a) O que é desenvolvimento?
 - b) Quais são os princípios gerais do desenvolvimento?
 - c) Qual a importância da maturação no processo de aprendizagem?
 - d) Por que a aprendizagem precisa ser significativa para o educando?
 - e) Qual é a relação entre família, escola e aprendizagem?
2. Faça uma pesquisa sobre crianças alfabetizadas precocemente e suas dificuldades posteriores.
3. Com base no que você leu neste capítulo, elabore um conceito de aprendizagem.

Leituras complementares

Texto 1

Para ajudar a aprendizagem

Princípios que ajudam o professor:

1. Motivação é um fator de grande importância para a aprendizagem.

2. O aluno tem mais motivação para aprender quando as coisas têm um significado para ele.
3. A história pessoal do aluno precisa ser levada em conta.
4. O aluno aprende melhor quando participa ativamente do processo de ensino.
5. Elogios e recompensas ajudam mais a motivar o aluno do que críticas e punições.
6. Para algumas aprendizagens a repetição é indispensável; mas precisa ser feita de forma interessante.
7. O aluno aprende melhor uma coisa nova quando já domina as aprendizagens anteriores.
8. A criança aprende melhor quando fica sabendo se foi bem sucedida, ou quais os erros que cometeu.
9. As experiências de aprendizagem devem caminhar do simples para o complexo.
10. As experiências de aprendizagem devem caminhar do concreto para o abstrato.

POPOVIC, Ana Maria (coord.). *Pensamento e linguagem*; programa de aperfeiçoamento para professoras de primeiras séries. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Abril S/A Cultural e Industrial, 1980. Fascículo 6, p. 116-117.

Texto 2

Autoconceito, motivação e aprendizagem

De modo simplificado podemos dizer que motivação é tudo aquilo que está por trás de nossos comportamentos; corresponde às razões de cada um de nossos atos. Então, pense bem: se achamos que somos capazes de fazer uma coisa bem feita, certamente teremos confiança em nosso desempenho e conseguiremos realizá-la melhor. Se achamos que somos inteligentes e capazes, temos vontade de fazer as coisas para mostrar aos outros e a nós mesmos que temos valor. Por tudo isso podemos dizer que nosso autoconceito, isto é, a maneira pela qual nos vemos, influi na motivação.

E no caso da criança e do processo de aprendizagem, como será que atuam a motivação e o autoconceito? Desde o início do desenvolvimento

esses fatores demonstram sua importância. À medida que a criança cresce, seu autoconceito e o conhecimento que ela tem de si mesma vão se estabelecendo. A maneira pela qual ela se vê, o jeito pelo qual ela se sente, irão influir muito em tudo que ela faz e, basicamente, em sua capacidade de aprendizagem. Se ela não tiver fé em si mesma, se julgar-se inferior aos outros, não terá motivação para aprender. Não conseguirá interessar-se por nada, achando de antemão que irá fracassar. Com medo do fracasso, a criança nem tenta um novo comportamento; ou então toma atitudes inadequadas, num esforço de mostrar aos outros que é alguém.

Embora o processo possa ser como esse que acabamos de descrever, é muito fácil influenciar a criança para que ela realize uma atividade que vá contribuir para sua auto-estima. Da mesma forma que um adulto, ela deseja fazer coisas que a tornem mais adequada, mais capaz, admirada e aceita pelos outros. Toda vez que perceber que sua imagem está em jogo, irá esforçar-se ao máximo para sair-se bem, mobilizando todos seus recursos. Esse esforço, esse empenho, nada mais é que a motivação.

Também as aspirações e sonhos são influenciados pela motivação. Quanto mais a criança espera de si mesma e quanto mais acha que os outros esperam dela, maiores serão seus motivos para atingir um objetivo. Sabendo isso podemos entender melhor por que um autoconceito positivo é tão importante para que a criança melhore sua capacidade de aprendizagem.

Autoconceito positivo

Nesse quadro todo, o papel do professor é fundamental. Sua atitude para com os alunos pode influenciar de maneira decisiva a construção da auto-imagem deles, de sua maneira de ver a si mesmos. Você pode promover ou estimular o crescimento emocional de seus alunos todos os dias, de mil e uma formas. Você já deve ter percebido quanto sua figura é significativa para seus alunos. E isso tem conseqüências bem sérias. Nem que fizesse um grande esforço para apenas transmitir novos conhecimentos às crianças, uma professora não conseguiria. Seu método de ensinar, suas atitudes, o jeito de se relacionar com cada aluno, e até mesmo a freqüência com que ela fala com cada um, o interesse e o carinho que demonstra até sem querer, estariam influenciando todo o desenvolvimento afetivo das crianças. Em conseqüência, ela estaria influenciando sobre a formação do autoconceito, sobre a motivação e a capacidade de aprendizagem das crianças.

O desenvolvimento do autoconceito positivo das crianças deve ser uma preocupação central do professor. Só se tiver uma auto-imagem positiva a criança terá a necessária motivação para aprender e poderá ir adquirindo um comportamento independente. Essa é a melhor forma de preparar o aluno para sair-se bem nas situações novas com que se defronta.

POPOVIC, Ana Maria (coord.). *Pensamento e linguagem*; programa de aperfeiçoamento para professoras de primeiras séries. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Abril S/A Cultural e Industrial, 1980. Livro de textos, p. 17-18.

Atividades a partir dos textos

1. Ao ler o texto 1, qual dos princípios o impressionou mais? Por quê?
2. Como você tornaria viável a aplicação do terceiro princípio no dia-a-dia da escola?
3. De acordo com o texto 2, qual é a importância da motivação no processo de aprendizagem?
4. Como um professor pode influenciar a formação do autoconceito positivo de seus alunos?

Capítulo 2

O normal e o patológico

1. A noção do normal
2. Problemático ou patológico?
3. O que são problemas de aprendizagem

Conhecer não é contemplar passivamente, mas agir sobre coisas e acontecimentos, construindo-os e reconstituindo-se em pensamento.

Jean Piaget

Os problemas de aprendizagem que podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar surgem em situações diferentes para cada aluno, o que requer uma investigação no campo em que eles se manifestam.

Qualquer problema de aprendizagem implica amplo trabalho do professor junto à família da criança, para analisar situações e levantar características, visando descobrir o que está representando dificuldade ou empecilho para que o aluno aprenda.

É importante ressaltar que, se o professor não conhece as manifestações próprias do pensamento infantil para as várias faixas etárias, terá dificuldade em identificar o estágio em que o aluno se encontra, podendo incorrer em erros de, por exemplo, considerar o animismo e o egocentrismo de um pré-escolar como problemas.

Contando com seus conhecimentos na área da Psicologia e da Didática, o professor deve ter em mente uma noção bastante clara do que é *normal*, *problemático* e *anormal* (ou patológico) no comportamento infantil.

1. A noção do normal

O termo *normal* apresenta várias definições devido à imensa gama de autores que tratam do assunto.

No entanto, para o professor que necessita avaliar um problema de aprendizagem, é importante apenas estabelecer um critério seguro e significativo. Nesse aspecto, Mielnik¹ formula a definição que consideramos mais adequada, quando afirma que “para podermos conceituar o que é normal, devemos basear-nos no progresso da criança, em sua evolução e desenvolvimento, comparando-a com suas próprias habilidades e capacidades em épocas diversas”.

Como o movimento da criança para a liberdade e a autonomia acontece de maneira gradativa (através da superação de cada crise de desenvolvimento), cabe ao professor reconhecer as características próprias do comportamento infantil em cada faixa etária.

Os quadros a seguir foram elaborados a partir de uma pesquisa realizada pela Irmã Terezinha Batista² em Pernambuco e na Paraíba. Ela coletou uma série de dados sobre a evolução do pensamento infantil entre 0 e 7 anos. Esse trabalho, baseado em Piaget e Pohier, destaca quais são os comportamentos “normais” das crianças em cada fase. Veja:

EGOCENTRISMO

O que é

- É uma centração da criança sobre si mesma.
- É registrado no início da vida, quando a criança é auxiliada em tudo.
- É inconsciente dos 2 aos 4 anos.
- Torna-se visível dos 4 aos 7 anos.

Como se manifesta

- A criança quer todos os brinquedos para si.
- Quer ser a primeira em tudo.
- Ela é o centro de seu mundo.

Quando é superado

- À medida que a criança toma consciência da realidade e começa a pensar no outro.
- A partir dos 7 anos, quando se torna capaz de iniciar a descentralização de seu mundo.
- Se for bem orientada, aos 11 anos a criança supera seu egocentrismo.

¹ Isaac Mielnik, *O comportamento infantil*, p. 13.

² Irmã Terezinha Batista, *Evolução da fé na criança*, p. 8-11.

INDIFERENCIAÇÃO

O que é

- É a ausência de percepção para o valor de si próprio, dos outros e das coisas.
- Apresenta-se de forma primitiva e radical dos 2 aos 4 anos.
- Revela-se fortemente na fase de 4 a 5 anos.
- Atenua-se entre os 6 e 7 anos.

Como se manifesta

- A criança não percebe como pode agir sobre as coisas.
- Ela não tem uma idéia exata de como as coisas agem umas sobre as outras.
- A criança não consegue diferenciar as coisas de seu significado.

Quando é superada

- Somente a partir dos 7 anos a criança torna-se capaz de iniciar o processo de libertação de seu indiferentismo.
- Se for bem orientada, ela supera essa característica à medida que descobre a realidade.

ANIMISMO

O que é

- É a atribuição de vida e consciência a todas as coisas que rodeiam a criança.
- Ocorre sobretudo pela não distinção entre o *eu* e o mundo exterior.

Como se manifesta

- A criança supõe que seus brinquedos são vivos, que os animais entendem a sua fala, que as plantas choram etc.

Quando é superado

- Por volta dos 7 anos, à medida que vai descobrindo a realidade.

ARTIFICIALISMO

O que é

- É a colocação de um agente fabricante na origem das coisas.

Como se manifesta

- A criança considera os homens responsáveis pela existência de todos os objetos que ela observa no mundo exterior.
- A criança tende a acreditar que os homens fazem com que as coisas apareçam e que essas coisas são mais ou menos vivas e conscientes.

Quando é superado

- Vai diminuindo a partir dos 7 anos, à medida que a criança vai descobrindo a realidade.

FINALISMO**O que é**

- Em crianças dos 4 aos 7 anos, é o interesse acentuado no *para que* servem as pessoas e as coisas, em detrimento de *como* elas são ou funcionam.

Como se manifesta

- A criança age com a finalidade de agradar ou desagradar, obedecer ou desobedecer seus companheiros ou rivais.
- Ela brinca, constrói, observa os adultos realizarem operações técnicas, mas não capta o mecanismo utilizado.

Quando é superado

- Tende a desaparecer a partir dos 7 anos, quando a criança começa a compreender como as coisas funcionam.

IMITAÇÃO**O que é**

- É a forma natural com que a criança constrói seu pensamento e origina suas ações.
- A linguagem da imitação através de gestos é dominante até os 7 anos.

Como se manifesta

- A criança gosta de imitar mesmo o que não entende.
- Sua ação sempre tem origem na ação do adulto.
- Através da imitação, a criança revela seu meio familiar, os colegas e os adultos que a cercam.

Quando é superada

- A partir dos 7 anos, fase em que o pensamento da criança evolui e sua capacidade de imitação começa a se tornar consciente.

AFETIVIDADE AUTOCENTRADA**O que é**

- É a capacidade de experimentar emoções e sentimentos, centrada em si mesma.

Como se manifesta

- 0 a 2 anos: a criança necessita de muito afeto embora quase não demonstre.
- 2 a 4 anos: precisa de bastante carinho, especialmente dos pais. Por ser muito egocêntrica, quer todo o carinho para si.
- 4 a 7 anos: revela grande necessidade de ser amada. Através dos gestos de carinho dos pais, a criança confia inteiramente que eles a amam. Caso semelhante se dá com os professores ou outras pessoas que se dedicam a ela.

Quando é superada

- A partir dos 7 anos, quando a criança começa a descobrir o seu valor e o do outro e a afetividade vai se tornando menos egocêntrica.

Como se pode verificar nos quadros apresentados, uma criança bem orientada supera naturalmente as características de cada fase, à medida que evolui.

Portanto, ao avaliar qualquer dificuldade de aprendizagem, é fundamental que o professor identifique as manifestações normais do pensamento infantil para a faixa etária com a qual ele está trabalhando.

2. Problemático ou patológico?

Para que a criança se desenvolva bem ela precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde ela receba amor autêntico e onde lhe permitam satisfazer as necessidades próprias do seu estado infantil.

Quando isso não acontece, inicia-se uma luta entre o ambiente em que a criança vive e as exigências que ela apresenta, o que fatalmente levará a uma situação de desequilíbrio, possível geradora de comportamentos problemáticos ou até patológicos.

De acordo com Mielnik³, “a situação problemática abrange especialmente o relacionamento difícil com o meio e as pessoas”. Na criança, ela se

³ Isaac Mielnik, *O comportamento infantil*, p. 25.

manifesta em dificuldades emocionais, supersensibilidade, sentimento de rejeição*, sensação de pânico em determinadas circunstâncias, ansiedade*, regressão* ou infantilização.

Ainda segundo o mesmo autor, quando essas reações apresentam um evidente agravamento, deve-se considerar o quadro como tendendo a anormal ou patológico. Nesse caso, a criança passa a apresentar atitudes destrutivas de maneira compulsiva*, medo* excessivo de tudo, extrema agitação (ou, então, torpor e sonolência), desintegração ou mesmo ausência de relacionamento pessoal.

O comportamento anormal ou patológico pode ter origem na própria criança (fator genético) ou no ambiente (fator social). Para caracterizá-lo, Mielnik⁴ afirma que devem ser considerados os seguintes fatores:

- idade;
- constituição física;
- desenvolvimento (período em que a criança se encontra);
- ambiente cultural;
- conduta e personalidade dos pais e irmãos;
- tensões e traumas* da vida cotidiana aos quais a criança fica exposta;
- tendências internas e defesas psíquicas do ego infantil;
- influência de pressões externas e internas;
- meios de adaptação a essas pressões;
- processos envolvidos na maturação da personalidade infantil.

Quando o professor detecta alguma anormalidade após a verificação de todos esses fatores, é necessário, ainda, que ele faça uma análise a respeito da permanência das características apresentadas. A criança pode estar vivendo uma fase difícil, que será provisória ou não, dependendo de suas condições em superá-la.

As mudanças que aparecem no decorrer da vida, ao exigirem uma tomada de posição, resultam em crescimento para as crianças que têm facilidade em se adaptar a elas. No entanto, para aquelas que reagem às transformações com angústia*, ansiedade e medo, o resultado pode se manifestar numa parada ou até num retrocesso de sua evolução normal.

Vale ressaltar ainda que o professor pode ajudar o aluno a superar alguns momentos difíceis, como o da entrada na escola, do nascimento de irmãos, da separação ou morte dos pais e do início da adolescência.

⁴ Isaac Mielnik, *O comportamento infantil*, p. 15.

3. O que são problemas de aprendizagem

Os problemas de aprendizagem referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com um desvio do quadro normal mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo (alunos multirrepetentes).

Segundo J. Paz⁵, “podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação”.

Pela intensidade com que se apresentam os sintomas e comportamentos infantís, pela duração que eles têm na vida escolar e pela participação do lar e da escola nos processos problemáticos, fica difícil para o professor diferenciar um distúrbio de um problema de aprendizagem.

Além disso, os autores que se dedicam a esse assunto usam os termos *problema* e *distúrbio* de maneira indiscriminada.

Portanto, estabelecer claramente os limites que separam “problemas” de aprendizagem dos chamados “distúrbios” de aprendizagem é uma tarefa muito complicada, que fica a critério do especialista na área em que a deficiência se apresenta.

Ao educador cabe apenas detectar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aula, principalmente nas escolas mais carentes, e investigar as causas de forma ampla, que abranja os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemática ambiental em que a criança vive. Essa postura facilita o encaminhamento da criança a um especialista que, ao tratar da deficiência, tem condições de orientar o professor a lidar com o aluno em salas normais ou, se considerar necessário, de indicar sua transferência para salas especiais.

Portanto, nossa postura é semelhante à de outros autores que se dedicam a esse assunto e que usam os termos “problema” e “distúrbio” de maneira indiscriminada.

Existem inúmeros fatores que podem desencadear um problema ou distúrbio de aprendizagem. São considerados fundamentais:

- *Fatores orgânicos* → saúde física deficiente, falta de integridade neurológica (sistema nervoso doente), alimentação inadequada etc.
- *Fatores psicológicos* → inibição, fantasia*, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição etc.
- *Fatores ambientais* → o tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação etc.

⁵ J. Paz, citado por Sara Pain, em *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*, p. 28.

Muitas crianças são identificadas como portadoras de problemas de aprendizagem quando não realizam o que se espera de uma programação de ensino. Seja porque ficam presas a mecanismos que tentam reproduzir sem êxito, seja porque, apesar de saberem até mais do que aquilo que o professor está ensinando, faltam-lhes mecanismos para se expressarem (Carraher⁶, numa pesquisa com meninos feirantes em Recife, ilustra bem esse aspecto).

Na verdade, quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação muito mais abrangente e minuciosa. O professor não pode se esquecer de que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar que seus próprios valores não o impeçam de auxiliar a criança em seu processo de aprender. A criança é um todo e, quando apresenta dificuldades de aprendizagem, precisa ser avaliada em seus vários aspectos.

O quadro a seguir, de Correll e Schwarz⁷, relaciona as formas de distúrbios que podem ocorrer no processo de aprendizagem, de acordo com vários aspectos.

1. Distúrbios de aprendizagem condicionados pela escola:
 - a) os condicionados pelo professor;
 - b) os condicionados pela relação professor—aluno;
 - c) os condicionados pela relação entre os alunos;
 - d) os condicionados pelos métodos didáticos.
2. Distúrbios de aprendizagem condicionados pela situação familiar.
3. Distúrbios de aprendizagem condicionados por características da personalidade da criança.
4. Distúrbios de aprendizagem condicionados por dificuldades de educação.

A proposta do sistema educacional brasileiro é dar, para cada criança, a oportunidade de aprender tanto quanto sua capacidade permitir.

No entanto, os alunos que apresentam distúrbios ou problemas de aprendizagem (considerados como um grupo significativo), não têm essa

⁶ T. N. Carraher e outros, "Na vida dez, na escola zero". Em: *Cadernos de Pesquisa* n.º 42, p. 70-86.

⁷ Correll e Schwarz, citados pelo prof. Adolfo Gullane em material apostilado do Curso de Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Caetano do Sul, 1979.

oportunidade. Eles não conseguem acompanhar o currículo estabelecido pelas escolas e, porque fracassam, são classificados como retardados mentais, emocionalmente perturbados ou simplesmente rotulados como alunos fracos e multirrepetentes. São crianças que precisam de um atendimento especializado e o sistema educacional brasileiro não tem lugar para elas.

Muitas dessas crianças poderiam ser educadas próximas à sua residência, através de um atendimento gratuito, se fossem instaladas escolas regionais, com pessoal especializado e um currículo coerente com esse sistema especial.

Quanto aos distúrbios provocados pela própria escola e pelos professores, instalar um setor de orientação educacional, psicológica e pedagógica nas escolas ou para um grupo de escolas seria de grande ajuda. Os professores seriam orientados na adequação do programa, na elaboração de métodos a serem aplicados e na forma ideal de atender as crianças que apresentam problemas de aprendizagem.

A educação especial, porém, ainda é uma utopia na realidade brasileira. Somente as classes sociais mais abastadas conseguem educar adequadamente uma criança com dificuldades de aprendizagem. Na escola pública, o professor deve contar com seus próprios conhecimentos e, ao detectar qualquer distúrbio, solicitar ajuda da família do aluno para que, juntos, possam ajudar a criança a superar suas dificuldades.

Atividades

1. Discuta com seus colegas as idéias apresentadas sobre comportamento normal, problemático e patológico. Em seguida, formule uma definição própria para cada um dos três tipos de comportamento.
2. Observe uma criança de 2 a 7 anos e, de acordo com o quadro das características do pensamento infantil, identifique a fase em que ela se encontra nos vários aspectos apresentados.
3. Quais os fatores que interferem nos problemas de aprendizagem?
4. Discuta com seu grupo e:
 - a) Dê um exemplo para cada uma das formas de distúrbio de aprendizagem, segundo o quadro elaborado por Correll e Schwarz.
 - b) Defina o papel do educador ao detectar um problema de aprendizagem.

"Normal", problemas e anormalidade

QUADRO 1 — DO RECÉM-NASCIDO AOS PRIMEIROS SEIS MESES DE VIDA

<i>Atitude adequada</i>	<i>Problemática</i>	<i>Tendente a anormal</i>
<p>Ajustamento fisiológico à vida extra-uterina. Aceitação dos mecanismos de comer, dormir etc. Necessidades físicas essenciais à sobrevivência. Domínio sobre os reflexos. Unidade biológica com a mãe. Relação simbiótica com a mãe. Atividade de sucção presente e fundamental. Chora quando desconfortável. Reage a estímulos: boca, pele, som e luz. Fisiologicamente instável. Egoísmo acentuado. Dependência total. Pouca paciência. Necessidades evidentes pelos sentidos.</p>	<p>Dificuldades na alimentação e complicação digestiva: vômitos, cólicas, disenteria etc. Dificuldades no sono. Excesso de sucção. Excesso de atividade motora (agitação). Choro em excesso. Irritabilidade demasiada. Hipertonicidade. Difícil de acalmar.</p>	<p>Apatia e depressão. Indiferença. Choro contínuo e monótono. Gritos sem motivo aparente. Não reage aos estímulos. Não suga. Não percorre as etapas normais de desenvolvimento.</p>

<p>Não demonstra raciocínio. "Confiança" no adulto. Aprende a "aguardar" as atitudes adultas. Afetado pelas atitudes e sentimentos dos que cuidam dele.</p>		
--	--	--

QUADRO 2 — CRIANÇA DE 6 A 18 MESES

<i>Atitude adequada</i>	<i>Problemática</i>	<i>Tendente a anormal</i>
<p>Fisiologicamente mais estável. Maior atividade motora e exploradora. Maior paciência e tolerância. Melhor controle dos instintos. "Distingue" os estranhos. Muito ligado à mãe. Aumento no número de palavras utilizadas. Conduta mais sociável. Alegre e brincalhona. Crises de raiva e negativismo. "Manias" pessoais. Capacidade de memória e antecipação. Início da imitação.</p>	<p>Excesso de choro, irritabilidade e raiva. Pouca tolerância. Excesso de negativismo. Dificuldades na alimentação e sono. Dificuldades no controle das evacuações. Padrões motores evidentes: chupar o dedo, balançar-se etc. Desenvolvimento retardado em algumas etapas.</p>	<p>Crises temperamentais muito freqüentes. Perdas de fôlego. Convulsões repetidas. Apatia, imobilidade e isolamento. Excesso e caráter obsessivo em padrões motores: chupar o dedo, balançar-se, mover a cabeça de lado a lado ou contra o berço etc. Falta de interesse pelo ambiente, por objetos ou por brincar. Falta de apetite acentuada. Falta de emotividade.</p>

		<p>Não tem discriminação social.</p> <p>Não demonstra ligação com a mãe.</p> <p>Medo de todos.</p> <p>Interiorização (autismo infantil).</p> <p>Não consegue desenvolver-se.</p> <p>Desenvolvimento estacionário</p>
--	--	--

QUADRO 3 – CRIANÇA ATÉ 5 ANOS DE IDADE

<i>Atitude adequada</i>	<i>Problemática</i>	<i>Tendente a anormal</i>
<p>Satisfação com os exercícios de habilidade neuromotora (pular, comer, recortar etc.).</p> <p>Investigação, imitação e uso da imaginação.</p> <p>Atos moderados pelo raciocínio.</p> <p>Boa memória; pensamento original e animístico.</p> <p>Autonomia nas funções corporais (comer, controle dos esfínteres).</p> <p>Dependência materna e medo de separação.</p> <p>Identificação no comportamento com os pais, irmãos e amigos.</p> <p>Aprende a falar para se comunicar.</p>	<p>Má coordenação motora.</p> <p>Dificuldades persistentes na fala (gagueira, perda de palavras).</p> <p>Timidez com pessoas e experiências.</p> <p>Medos e terror noturno.</p> <p>Dificuldades no comer, dormir, eliminação, higiene corporal, desmame etc.</p>	<p>Extrema agitação ou, então, passividade.</p> <p>Letargia (torpor ou sonolência).</p> <p>Fala pouco ou nada; não é comunicativa.</p> <p>Não reage às pessoas, não se relaciona com elas.</p> <p>Fixação materna.</p>

<p>Consciência incipiente dos próprios motivos.</p> <p>Sentimentos intensos emocionais (vergonha, culpa, alegria, amor e desejo de agradar).</p> <p>Padrões interiorizados de "bom" e "mau".</p> <p>Começa a testar a realidade.</p> <p>Curiosidade sexual mais ampla.</p> <p>Ambivalência referente a dependência e independência.</p> <p>Perguntas sobre nascimento e morte.</p>	<p>Irritabilidade, choro, crises temperamentais.</p> <p>Volta parcial a modismos infantis (regressão ou infantilização).</p> <p>Impossibilitado de deixar a mãe sem sentir pânico.</p> <p>Medo de estranhos.</p> <p>Crises de perda de fôlego.</p> <p>Falta de interesse na companhia de outras crianças.</p>	<p>Doenças somáticas: vômitos, prisão de ventre, diarreias, erupções, tíques.</p> <p>Introversão profunda (autismo).</p> <p>Urina excessivamente na cama (enurese).</p> <p>Não controla as fezes.</p> <p>Medo excessivo de tudo.</p> <p>Comportamento totalmente infantil (regressão grave).</p> <p>Ausência ou excesso de atividade auto-erótica (masturbação).</p> <p>Comportamento obsessivo-compulsivo: rituais, maneirismos, excentricidades.</p> <p>Comportamento destrutivo compulsivo: queimar, rasgar, cortar.</p>
--	---	---

QUADRO 4 — CRIANÇA DE 5 A 12 ANOS

<i>Atitude adequada</i>	<i>Problemática</i>	<i>Tendente a anormal</i>
<p>Saúde física boa, capacidade corporal realizada, aguda percepção sensorial.</p> <p>Orgulho e confiança em si mesma; menor dependência dos pais.</p> <p>Melhor controle dos impulsos.</p> <p>Ambivalência contra dependência, separação e novas experiências.</p> <p>Aceita a função do próprio sexo; expressão psicosssexual no brinqueado e fantasia.</p> <p>Compara os pais com colegas e outros adultos.</p> <p>Consciência do mundo natural (vida, morte, nascimento, ciência).</p> <p>Ainda subjetiva, porém realista a respeito do mundo.</p> <p>Competitiva, mas bem organizada no jogo.</p> <p>Aprecia a interação dos colegas.</p> <p>Respeita a obediência coletiva às leis sociais, regulamentos e tem espírito esportivo.</p> <p>Explora o ambiente; a escola e vizinhança são elementos básicos à experiência socializadora.</p> <p>Raciocínio em evolução; o pensamento intuitivo atinge nível operacional concreto.</p> <p>Responde ao aprendizado.</p>	<p>Ansiedade e supersensibilidade a novas experiências (escola, relacionamentos, separação).</p> <p>Falta de concentração, dificuldade no aprendizado, falta de motivação no estudo.</p> <p>Delinqüência: ostentação, mentira, furto, explosões temperamentais; conduta anti-social.</p> <p>Comportamento regressivo: enurese, evacuações, choro, medos.</p> <p>Aparecimento de maneirismos compulsivos: rituais, tiques.</p> <p>Moléstia somática: dificuldades na alimentação e sono, dores, erupções, mal-estar indefinido.</p>	<p>Retraimento excessivo; apatia; depressão; tristeza; tendências a auto-eliminação.</p> <p>Incapacidade completa no aprendizado.</p> <p>Dificuldades na fala, especialmente a gagueira.</p> <p>Conduta anti-social excessiva e incontrolável (agressividade, destruição, mentira crônica, roubo, crueldade intencional com animais).</p> <p>Comportamento obsessivo-compulsivo-severo: fobias, fantasias, rituais.</p> <p>Incapacidade de distinguir a realidade da fantasia.</p> <p>Exibicionismo sexual excessivo; eroticismo; assalto sexual.</p>

<p>A fala torna-se instrumento de raciocínio e expressão.</p> <p>Pensamentos ainda egocêntricos.</p>	<p>Medo de doença e lesão corporal.</p> <p>Dificuldades e rivalidades com colegas, irmãos e adultos; brigas constantes.</p> <p>Fortes tendências destrutivas; crises de raiva.</p> <p>Inabilidade ou incapacidade de fazer as coisas por si própria.</p> <p>Temperamento imprevisível e isolamento; poucos amigos ou relações pessoais.</p>	<p>Moléstia somática grave; incapacidade de desenvolvimento; falta de apetite; obesidade; hipcondria; dismenoréia.</p> <p>Completa ausência ou deterioramento do relacionamento pessoal e com outros.</p>
--	---	---

O papel da ignorância no saber

(Entrevista dada por Sara Pain, pedagoga argentina, a Marcos Faerman, do *Jornal da Tarde*.)

— *A senhora é uma pedagoga fascinada pela ignorância?*

— Sou. E veja que há muitas teorias que explicam por que o homem conhece. Mas é muito difícil explicar por que o homem ignora. E a estrutura da ignorância é mais complicada e mais essencial ao homem. Afinal, os animais também conhecem coisas. Mas a ignorância é própria do homem, e só do homem.

— *Então, a senhora acha a ignorância fascinante?*

— Muito mais fascinante e desconhecida do que o conhecimento. Entre outras coisas, não há sequer uma epistemologia da ignorância. Nos livros que escrevi sobre a ignorância, procuro mostrar que ela está situada entre a estrutura cognitiva e a simbólica. Tento descrever as duas e mostrar o desconhecimento mútuo entre a estrutura da ignorância e da não-ignorância.

— *Mas como é que todas estas suas idéias sobre a ignorância vão adequar-se ao seu trabalho com escolas, com crianças?*

— A primeira aproximação que tive com a ignorância se deu com meninos. Não com esta ignorância natural, histórica, mas com aquela ignorância patológica, que não deixa certas crianças aprenderem. Toda função, a digestiva, a respiratória etc. pode ter uma patologia. As crianças que não aprendem têm uma patologia da função da ignorância. Elas a usam mal. Não usam a ignorância para a criação, não podem imaginar. Comecei a estudar os problemas da ignorância destas crianças, a tentar entender os cenários simbólicos, os dramas de suas vidas. Às vezes, é uma outra coisa, é uma dificuldade diante da matemática, por exemplo. Então, é preciso se saber o que representa para esta pessoa a operação de calcular. Não é necessário que haja um grande problema de aprendizagem. Mas sim alguma coisa que a pessoa não consegue aprender, que lhe é difícil, insuperável: tudo isto tem um objetivo simbólico.

— *Pois bem, mas qual é o pré-requisito da ignorância (e do conhecimento) na criança?*

— Há muitos. Mas é preciso dizer que desde que a criança nasce, já tem uma situação frente ao conhecimento. Afinal, até antes de nascer, isto existe no imaginário do pai... O pai sempre espera alguma coisa dela...

— *E é mau esperar demais?*

— Não. Uma criança de quem os pais não esperam nada é nada. É uma autista. Os pais têm que ter muita imaginação, uma imaginação não rígida, flexível, que se adapta à realidade. Os pais têm que ter muita imaginação para que as crianças tenham muita imaginação. As crianças têm que se enganchar na imaginação dos pais. E a mãe tem que olhar com muita atenção para a criança, para que a criança olhe com atenção. Porque a criança olha para onde a mãe dirige o olhar. Mas, ao mesmo tempo, a mãe tem que ter outros interesses. A mãe que é inteiramente fascinada pelo filho impede o filho de crescer.

— *A senhora diz, num dos seus ensaios, que doente é a criança que não teve um bom olhar dos pais.*

— É aquele que não enganchou no olhar da mãe. Mas, também, uma relação de dois no espelho não serve.

— *E que tal voltarmos à questão da estrutura do conhecimento?*

— A estruturação do conhecimento existe porque temos uma programação inteligente — uma programação. Por sua vez, vazia de conteúdo. Se nós nascêssemos com os conhecimentos, como o domínio da linguagem, haveria uma língua única, e que jamais se modificaria, como a dos pássaros. Isso nos obrigaria a sermos sempre os mesmos. O homem é o único animal histórico. E é impossível ser histórico sem aprender. Se cada geração tivesse que viver tudo de novo, estaríamos na Idade da Pedra — ou antes. Temos uma memória histórica que nos permite a aprendizagem e a transmissão, que não passa pelos cromossomos mas pela aprendizagem. A aprendizagem é o equivalente humano do instinto de reprodução.

— *Se tudo isto é verdade, então, o que é uma boa escola?*

— Uma boa escola é aquela que admite a ignorância. Onde o professor não acha que tudo está sabido e que o outro tem que saber o mesmo que ele sabe. Boa é a escola que é capaz de admitir o erro do menino e que é capaz de passar do erro ao conhecimento. Mas quando o professor traz o conhecimento pronto e acabado, e o menino só repete, nós estamos diante de uma escola rígida, que não permite o crescimento.

— *E que tal encerrarmos esta conversa com a sua visão da escola do futuro?*

— Vou lhe contar uma fantasia. Hoje em dia, temos uma criança, no máximo duas, por lar. Na França, não se chega a ter dois filhos por casal. Estas crianças não têm o exemplo da continuidade próprio das famílias que têm muitos filhos. Nessas casas, o pequeno convivia com os maiores, havia criança de toda idade. Então, fico pensando numa escola que fosse um pouco da velha escola rural. Uma escola que seja uma reunião de grupos de vida, em que as crianças de diversas idades se ajudem. Seria muito diferente da classe convencional, com crianças da mesma idade que aprendem as mesmas coisas. Fico imaginando uma professora com crianças de várias idades, então, e que tivesse de se modular como essas grandes *mammas* italianas, que dão um cascudo num, e penteiam o outro, e que fazem macarrão... Para mim, a sociedade vai precisar disto, se continuar essa coisa de pouca criança

em cada casa. Se não, cada criança é sua única referência em sua casa. Não vê outras crianças. Ah, eu acho que esta fraternidade poderia desenvolver-se na escola, nesta escola, que, para mim, é um lindo sonho impossível.

Jornal da Tarde, Caderno de Programas e Leituras,
3/5/86.

Atividades a partir dos textos

1. *Trabalho em grupo*: Analise com seu grupo um dos quadros do texto 1 e destaque os aspectos principais daquele período. Depois, orientado pelo professor, monte na lousa um painel que integre as conclusões de todos os grupos.
2. *Discussão em classe*: Faça um levantamento das idéias principais do texto 2 e discuta-as com os colegas.
3. *Sugestão de leitura*: *Dibs: em busca de si mesmo*, de Virginia M. Axline, Livraria Agir Editora.